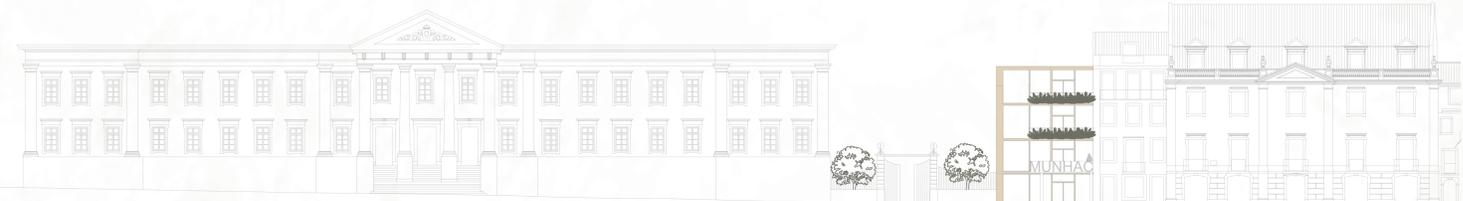


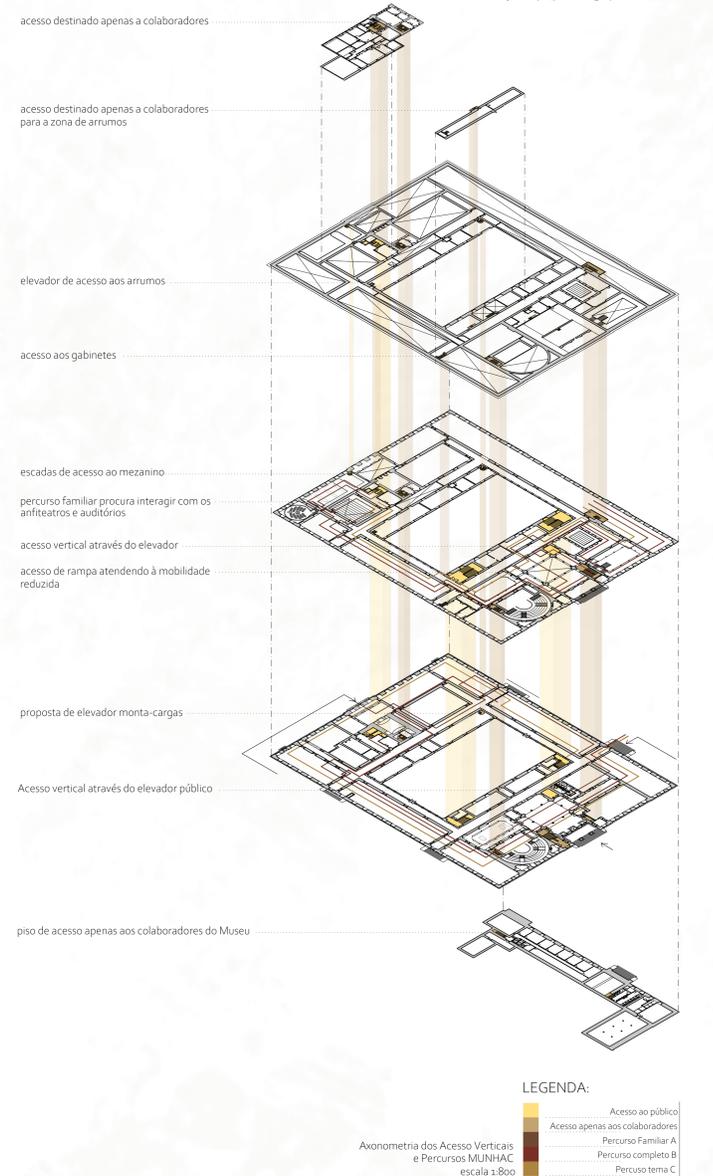
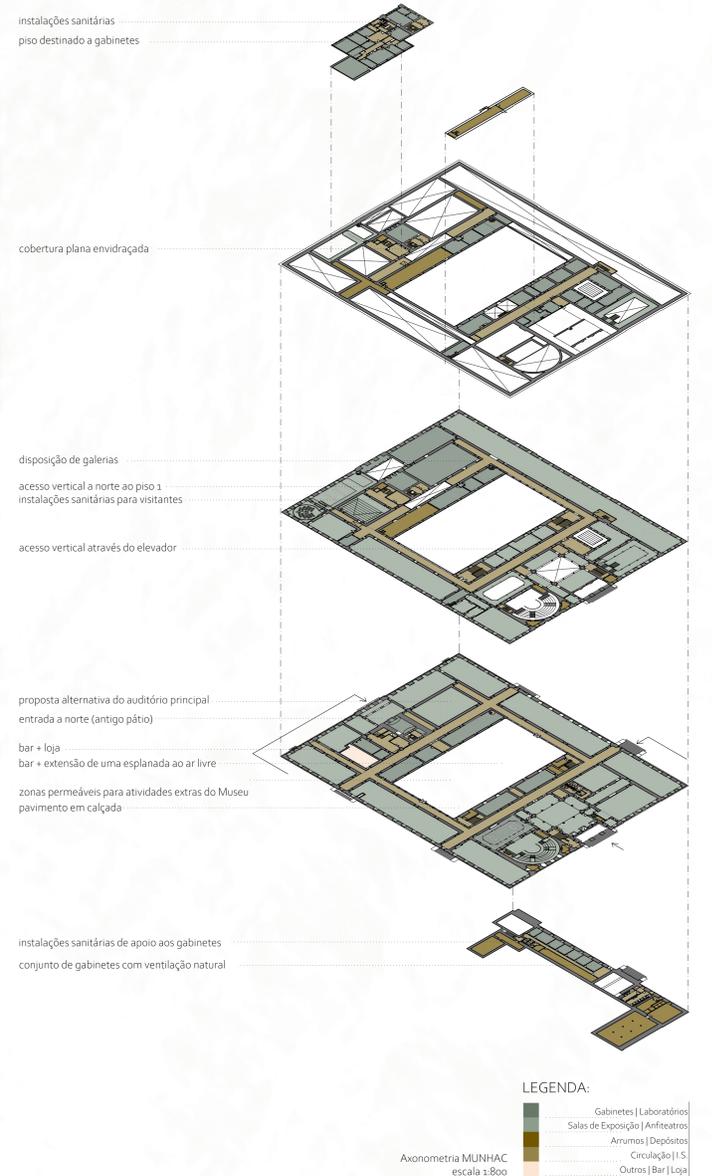
Vivenciado uma vasta história há mais de 100 anos, o Museu Nacional de História Natural e da Ciência, surgiu como elemento fundamental no exercício proposto, tendo sido realizado um estudo e levantamento da organização funcional da compartimentação, da relação dos vários pisos e do enquadramento urbano. Através da concepção uma nova perspectiva espacial, estabeleceram-se estratégias de projeto:

- a articulação e clareza nos percursos,
- a objetividade no programa pré-estabelecido,
- a maior visibilidade na amplitude dimensional como um todo,

Desse modo, o programa pretende protagonizar a identidade das galerias, de forma a tornar natural e claro, o percurso dentro do Museu; focar-se nos temas da história e da ciência, fortalecendo uma maior intimidade entre as salas e entre os seus subtemas, para assim suscitar a interpretação lógica e pessoal do visitante; e por fim tornar visível a amplitude do espaço arquitetónico, nomeadamente a dimensão dos vãos, que permitem a entrada de luz natural, a grandeza dos pés direitos e a fluidez de todos estes elementos como um todo.



Alçado Fachada Principal | escala 1:200
inserção da proposta de grupo realizada em C.R.R.



A proposta para a entrada do Museu, a nascente, procura protagonizar as relações entre a Rua Politécnica e o Museu e, redesenhar os percursos, afim de poderem existir zonas permeáveis de estar e de passagem, marcadas por pavimentos em betão e a calçada original já existente, mas recuperada entretanto.

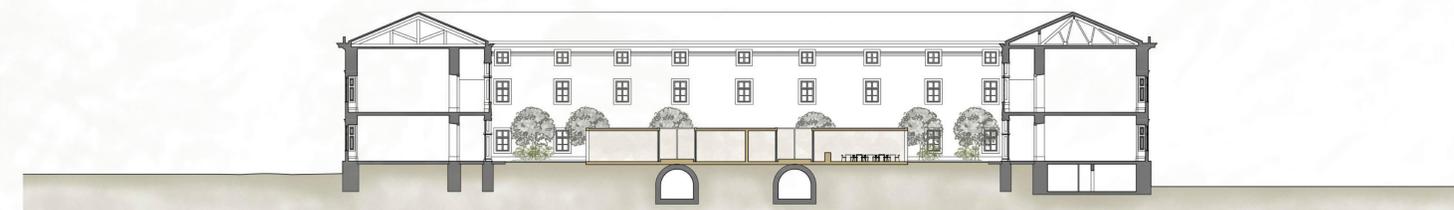
O volume integra o novo com as pré-existências e ao olhos do exterior, a natureza da sua geometria na fachada, que ao estar disposta na diagonal, intensifica e suscita a vontade de entrar, por parte do observador que vai a passar a rua ou que simplesmente não tem conhecimento do Museu.

O edifício abrange 4 pisos, deles o piso 0 introduz um espaço amplo de apoio à bilheteira, uma loja e ainda os acessos verticais aos pisos superiores, considerando as necessidades de mobilidade reduzida. Os pisos 1, 2 e 3 albergam um conjunto de gabinetes dirigidos aos colaboradores do Museu e todos eles são acompanhados por uma varanda, que qualifica uma outra zona no exterior.

Importante frisar o interesse que o jardim Botânico e a nova biblioteca influenciam o espaço, pois fomentam a envolvente do Museu e possíveis atividades lúdicas abertas ao público.



Entrada do MUNHAC
Proposta tridimensional de grupo realizada em C.R.R.



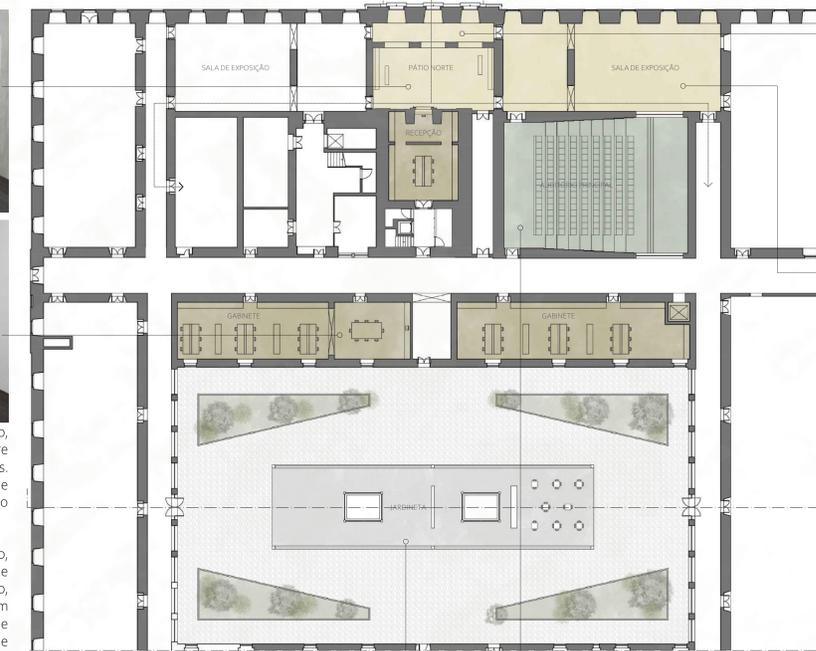
Corte Longitudinal | escala 1:200



As galerias, ao protagonizar um percurso, realçam as ligações que existem entre exposições e espaços de diferentes identidades. Permitem ainda, ao manter uma continuidade na materialidade, a amplitude na circulação como um espaço de transição e de repouso.

Foi proposto subdividir 2 categorias de trabalho, os gabinetes administrativos e os gabinetes de investigação. Os gabinetes de investigação, representados na imagem em cima, enquadram o conceito "open space" a nível funcional e de trabalho, através da repetição de 3 corpos de mesas alinhadas com o respetivo vão e que ao serem divididos por armários, dão maior autonomia ao espaço. Os gabinetes albergam uma zona de refeição, com uma bancada embutida, que se resguarda através de uma cortina e se adapta a uma outra atividade pontual, nomeadamente a zonas de trabalho ou um espaço de reuniões.

A jardineta contempla 2 espaços existentes no Museu, um espaço de exposição e um bar. Tendo a particularidade de se localizar no exterior e enquadrar espaços verdes, zonas de passagem e zonas extensas, a ideia arquitetónica explora transmitir a qualidade dos espaços interiores para o exterior, mantendo a liberdade e adaptação do espaço a qualquer atividade.



O aproveitamento das salas de exposição, nas duas salas de introdução acima representadas, atenta na fluidez dimensional, através dos pés direitos para acomodar objetos de diferentes escalas, na inserção de planos verticais capazes de recriar uma diversidade de exposições e, em intensificar a relação entre a materialidade e a luz natural.

Relativamente ao atual pátio a norte, optou-se por configurar um outro espaço de introdução ao Museu, de transição para as salas de exposição, que por sua vez dão acesso ao bar e ao restante edifício. Na entrada foi ainda proposta, a recepção e bengaleiro que têm o sentido de informar o visitante do espaço, acompanhadas por um gabinete administrativo que dá acesso vertical exclusivo aos colaboradores, aos restantes pisos.

Para o auditório do piso 0, que atualmente não existe, propôs-se alterar para a zona Norte, afim de não só interagir com o programa do Museu, mas poder funcionar autonomamente, para conferências ou apresentações que não requeriam a total abertura do Museu. O espaço sublinha um contraste material com os restantes compartimentos para que se possa isolar das atividades envolventes e, da forma como se organiza internamente, salientar o centro, o palco.

